



TRABALHO COLABORATIVO NA INFÂNCIA: CORPOS QUE BRINCAM, INTERAGEM E APRENDEM NO AEE

Sára Maria Pinheiro Peixoto¹
Ana Aparecida Tavares da Silveira²
Célia Fonseca de Lima³
Fabyana Soares de Oliveira⁴
Ilanna Márnea Araújo Chagas⁵
Maria Aparecida Dias⁶

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo apresentar uma revisão literária, considerando a criança, o corpo e seus processos de aprendizagens no AEE, valorizando o arcabouço de uma formação continuada, considerando as dimensões dialógicas do trabalho colaborativo, com um grupo de professores de um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade do Natal. Corroboramos na assertiva que levantar o estado da arte é substancial para qualquer tipo de investigação, porque além de encontrarmos limites, lacunas, também estabelecemos um diálogo entre diversos autores, promovendo possibilidades e avanços na produção do conhecimento. Assim, optamos metodologicamente pela pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, para que pudéssemos atender tais inquietações, e por meio da empiria buscamos estabelecer uma relação dialógica e dialética, entre o teórico e o vivido, estabelecendo uma cadeia discursiva, permeada de sentidos e significados à prática docente, articulando saberes entre nossos matizes instituídas: infância, inclusão, corpo e AEE, compreendendo esse corpo com meio desse processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Corpo, Criança, Aprendizagem, AEE.

PRÓLOGO - OS PRIMEIROS FIOS DESSA ESCRITA

Às vezes eu me sinto uma colcha de retalhos...
Acho que são os retalhos de cada momento, unidos um a um, que formam a "colcha vida" da gente!
Ninguém se faz inteiro, somos pedacinhos daqui, pedacinhos dali, pedacinhos que foram e que serão...

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, sarapinho@nei.ufrn.br;

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, ana.silveira.806@ufrn.edu.br;

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, prof.celifonseca@yahoo.com.br;

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, fabyanaoliv@yahoo.com.br;

⁵ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, ilannamarnea@gmail.com;

⁶ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, cidaufrn@gmail.com;



Temos que transformar todos os dias os nossos cacos e retalhos em arte...

Autor desconhecido

É com a epígrafe acima que incitamos a abertura deste trabalho cujo objetivo é apresentar o recorte de uma pesquisa de doutorado que ainda se encontra em andamento, e assim, vem se constituindo e compondo as aprendizagens, registros e vivências traçadas nessa caminhada de dois anos, exatamente como uma colcha de retalhos, que tem ganhando cada vez mais, forma e robustez.

Partindo da assertiva que somos sujeitos corporais, e assim, não nascemos inteiros, nascemos sem uma forma definida e com as experiências materializadas ao longo da vida, vamos nos constituímos de pedacinhos por pedacinhos, no intento de sermos completos, e quando na verdade nunca o seremos, pois somos resultados de nossas histórias e aprendizagens, que vão demarcando os processos inconclusos de corpos aprendentes que somos nessa travessia de descobertas e aprendizados

Assim, movidas pelo encantamento que o corpo nos provoca, esse interesse pela corporeidade vem nos acompanhando timidamente desde uma travessia pessoal, profissional, materializando na vida acadêmica. Como pedagoga e professora da Educação Básica há exatos 17 anos, pelos espaços da Educação Infantil e do Ensino Fundamental anos iniciais na Rede Municipal do Natal (SME/NATAL), como professora, coordenadora e gestora pedagógica. E nesse percurso, estar como Coordenadora Pedagógica de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), os desafios da corporeidade no tocante à inclusão escolar eram latentes.

A não participação das crianças público-alvo⁷ da Educação Especial, durante as rodas e brincadeiras coletivas, nos momentos do faz de conta, no parque, nas atividades de circuito e movimento. Por várias vezes, foi observado que estas não participam dos momentos de interação, ora estavam sentadas ao lado da sua respectiva estagiária, ora brincando sozinhas, sem a promoção de relações, vínculos e afetos.

Deste modo, foi durante o mestrado, um contato cada vez mais imbricado com as questões da corporeidade, pudemos perceber que os relatórios de acompanhamentos das

⁷ De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE-PEI), publicada em 2008, são considerados crianças público-alvo da Educação Especial: sujeitos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

crianças público-alvo, os PEI (Plano Educacional Individualizado), traziam as contribuições e reflexões apenas de cunho cognitivo, voltados à sistematização de recursos adaptados, acessibilidade dessas crianças ao ensino, emergindo assim, outras inquietações.

Firmado no Decreto nº 7611, em que o Atendimento Educacional Especializado (AEE), é concebido como um conjunto de ações e/ou atividades, que se diferenciam das realizadas na sala comum, é um dos principais serviços da Educação Especial, considerado assim, como espaço de inclusão dos sujeitos público-alvo na escola regular (BRASIL, 2008), por que nos PEIs dessas crianças, não eram feitas menções as atividades que considerassem o corpo nos processos de aprendizagens?

Como apresentado anteriormente, se somos sujeitos de corpos inteiros nos processos de nossas aprendizagens, como proporcionar à criança público-alvo experiências com o seu corpo enquanto escuta, sensibilidade e subjetividade também nas atividades desenvolvidas no AEE? Assim, um novo objeto de estudo despontava nessa caminhada trilhada no doutorado.

Compreendo que a criança público-alvo, frequenta a classe comum diariamente em um turno de trabalho e no outro semanalmente é atendida pelo professor do AEE, que não é o seu o mesmo da sala regular, podemos nos questionar como o trabalho pedagógico desses professores se articulam? Como as intenções educativas para essas crianças têm sido pensadas e planejadas? Como se consolidam os processos de formação veiculados pelo coordenador pedagógico juntos aos professores de AEE e da sala comum?

Foi pensando nessas inquietações considerando o corpo como meio essencial nos processos de aprendizagens que desponta a pesquisa de doutorado a princípio intitulada “O AEE e o trabalho colaborativo na Educação da Infância: por uma escuta ao corpo e um olhar sensível às diferenças”,⁸ assim, para darmos veracidade ao conhecimento científico que por ora estamos construindo, fomos em busca do levantamento do estado do conhecimento de nosso objeto de investigação.

Embora a composição de uma tese seja um trabalho construído por duas pessoas, pesquisadora e orientadora, o estado da arte aqui apresentado, mostra um trabalho colaborativo realizado entre orientador e demais orientandos, resultando em uma análise que revela o olhar coletivo sobre o objeto de estudo proposto neste artigo.

ESTADO DA ARTE: DIALOGANDO COM OUTRAS VOZES

⁸ A pesquisa de doutoramento está no seu último ano de desenvolvimento. Nesse momento, encontra-se na fase de análise de dados.



Ao levantamos primeiramente o estado do conhecimento, qualificado também como ‘estado da arte’, cujo escopo está fundamentado na diagramação das produções científicas sobre a temática investigada, apresentando o que já fora dito, apontando a relevância social e científica destes trabalhos, mapeando os resultados já depreendidos, como também as possíveis lacunas existentes nessas pesquisas, uma vez que são pesquisas traçadas em diferentes épocas, contextos e lugares (FERREIRA, 2002).

Un estado del arte es un mapa que nos permite continuar caminando; un estado del arte es también una posibilidad de hilvanar discursos que en una primera mirada se presentan como discontinuos o contradictorios. En un estado del arte está presente la posibilidad de contribuir a la teoría y a la práctica de algo, en este caso de la formación docente. (MESSINA, 1999, p.145)

Corroboramos na assertiva que o estado da arte é substancial para qualquer tipo de investigação, porque além de encontrarmos limites, lacunas, também estabelecemos um diálogo entre diversos autores, promovendo possibilidades e avanços na produção do conhecimento.

No intento de conhecermos os caminhos já trilhados por outros autores e defronte com outras vozes, constituímos o nosso estado da arte empreendendo buscas nos principais ambientes de pesquisa considerando algumas bases e plataformas nacionais, entre elas: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT/BDTD), banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoas de nível Superior (CAPES), a Biblioteca Scientific Electronic Library Online (SciELO). Perscrutamos ainda as teses e dissertações dos repositórios de Instituições de Educação Superior (IES), reconhecidas nacionalmente como instituições que fomentam a discussão em torno da Educação Especial, como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Para a ampliação desse repertório, realizamos buscas na Plataforma de Registro Nacional de Teses de Dissertações de Portugal (RENATES) e ainda nos Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), sob o propósito de conhecer pesquisas em outros cenários educacionais.

Nesse encontro de vozes ao já dito e grafado, organizamos essa busca partindo da combinação de palavras-chaves que deram origem aos nossos descritores: corpo *and* Educação Especial; corpo *and* práticas pedagógicas; formação de professores *and* Educação Especial; formação de professores *and* Educação Inclusiva; Atendimento Educacional Especializado *and* práticas pedagógicas; Atendimento Educacional Especializado *and* corpo.

Elencamos como recorte temporal, pesquisas compreendendo o período de 2008 a 2020, uma vez que a publicação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (BRASIL, 2008), propulsou a formação continuada em Educação Especial, como também a implementação das Salas de Recursos Multifuncionais com a oferta do Atendimento Educacional Especializado nas escolas regulares.

Considerando como critérios de inclusão trabalhos em nossa 1ª fase do tateamento do material encontrado, que se dirigiam a formação de professores na Educação Especial, professores do Atendimento Educacional Especializado com crianças nas etapas da Educação Infantil dialogando com o descritor ‘corpo’, fizemos a escolha de 88 (oitenta e oito) trabalhos pré-selecionados.

Frente às primeiras inferências, fomos contemplados com diversas pesquisas no campo da formação de professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado, entretanto com discussões focadas em narrativas autobiográficas de suas práticas docentes, trabalhos voltados à acessibilidade e tecnologias assistivas com a mediação do AEE, na sistematização e reorganização do currículo das crianças público-alvo da Educação Especial, no processo de audiodescrição nas práticas inclusivas, nos apresentando a composição de 55 (cinquenta e cinco) trabalhos que permeavam nossas buscas.

E para atender nossos critérios de inclusão de modo mais minucioso, selecionamos os trabalhos que estavam alicerçados na formação de professores do AEE e da sala comum da Educação Infantil, numa perspectiva do trabalho articulado como ainda, as pesquisas que tratassem da discussão do corpo nos processos de ensino- aprendizagem, derivando a escolha de 20 (vinte) trabalhos que atenderam os critérios de inclusão), a saber: 04 (quatro) artigos, 09 (nove) dissertações e 07 (sete) teses.

Nessa relação dialógica e dialética entre os conhecimentos já elaborados, constatamos diferentes escutas e olhares aos enunciados apresentados, uma vez que, ora se acrescentam, ora se distanciam, revelando que “[...] não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico. [...] os sentidos irão sempre mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente”. (BAKHTIN, 2011, p. 410).

É na busca dessa relação com a alteridade defendida pelo filósofo que apresentamos o nosso estado do conhecimento estruturado por meio de 02 (dois) blocos: Formação de Professores, corpo e práticas pedagógicas; e Atendimento Educacional Especializado, Corpo e Educação Infantil

No que se refere aos descritores ‘corpo e formação de professores’ e ‘corpo e práticas pedagógicas’, trouxemos para nosso diálogo a tese intitulada “Corpo e percepções no Espectro Autista”, na qual Freitas (2015), nos destaca que a corporeidade da criança público-alvo da Educação Especial ainda tem pouco espaço na educação, uma vez que há muitas concepções acerca desses sujeitos voltadas para o viés organicista.

A tese de cunho bibliográfico, busca trazer a discussão de que pessoas com algum comprometimento sensorial, em destaque o sujeito com TEA, percebem o mundo de forma qualitativamente diferenciada e que essa dimensão sensorial muitas vezes é esquecida no chão da escola, mesmo com estudos e formações pedagógicas concernentes à Educação Especial.

Oliveira (2018), em sua dissertação, discute sobre a percepção de professores da infância acerca dos sujeitos com Paralisia Cerebral, considerando a centralidade do corpo e as estratégias utilizadas pelos mesmos que favoreçam a aprendizagem. A investigação consiste em um estudo qualitativo de natureza exploratória, composto por entrevistas semiestruturadas, trazendo a discussão sobre o estigma do corpo da pessoa com deficiência, na qual os professores compreendem esse corpo de modo ainda bastante frágil e vulnerável, gerando insegurança de trabalhar com essas crianças.

Kellermann (2012), investiga o processo de desenvolvimento da consciência corporal na criança, partindo da assertiva que a experiência lúdico-corporal é primordial nos processos de aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa fundada no conceito da complexidade (MORIN, 2002). A pesquisa de enfoque etnográfico, numa abordagem da pesquisa-ação, busca dialogar com o corpo na ludicidade defendida por Luckesi (2000) que é a base da educação de corpo integrado. No entanto, a empiria envolveu crianças sem deficiência, mostrando que o processo da ludicidade, considerando o jogo e dança é um trabalho de consciência corporal, uma vez que se trata de uma atividade bem significativa à preparação do corpo lúdico, tanto na infância, quanto na adolescência ou idade adulta.

Nessa mesma perspectiva, trazemos para dialogar conosco, o trabalho de Cruz, Schneckenberg, Tassa e Chaves (2011). Os autores discutem o corpo no processo de inclusão nas aulas de Educação Física, por meio da implementação de um programa de formação continuada pela Coordenação de Educação Física da Secretaria Municipal de Educação da região com estes professores, de modo que haja o efetivo envolvimento do grupo como protagonistas das reflexões frente as demandas cotidianas e os processos inclusivos. A empiria buscou mostrar como um grupo de 25 (vinte e cinco) professores lidam com a proposta de



inclusão escolar de alunos público alvo da Educação Especial, no contexto da Educação Física e avaliar a implementação de um programa de formação continuada a esse grupo.

Para finalizar essa seção realçamos a pesquisa de pós-doutoramento de Ehrenberg e Ayoub (2020), nos apresenta uma vistosa interface entre educação, arte e corporeidade. Nos é apresentado uma formação continuada com professores pedagogos na infância, dando o lugar do corpo e da expressividade na educação. Por meio de uma pesquisa focal, a investigação sobreleva a importância do processo de experimentação, sensibilização e da percepção de seus corpos, para que o professor possa compreender e ouvir o corpo de suas crianças, concebendo-as como produtoras de cultural, com ênfase na cultura corporal.

Atendimento Educacional Especializado, Corpo e Educação Infantil

Frente às pesquisas já realizadas na integração do Atendimento Educacional Especializado como uma das estratégias que têm dado certo a parceria com o professor da sala comum, apesar das dificuldades, por que não avançarmos e buscar garantir que esse corpo seja visto e escutado pelo professor do Atendimento Educacional Especializado em colaboração com o professor da sala comum, já que estamos falando de práticas pedagógicas e os sujeitos de suas práticas são os mesmos?

Por não termos encontrado nenhum trabalho com os descritores ‘AEE’ *and* ‘Corpo’, foi preciso revermos essa combinação, e acrescentamos mais um par de descritores à revisão de nossa literatura, a saber ‘Atendimento Educacional Especializado *and* Educação Infantil’, com vistas de encontramos algum trabalho com essas temáticas e contribuir para o nosso campo da pesquisa.

Cotonhoto (2014), nos traz um trabalho focado na prática curricular do Atendimento Educacional Especializado com vistas a inclusão da criança pequena, público-alvo da Educação Especial. A pesquisa apresentou desdobramentos satisfatórios de um trabalho desenvolvido em parceria com o professor do AEE e o professor da sala comum. O ponto chave da pesquisa foi pautado na falta de formação e de articulação entre ambos grupos de professores, com práticas fragmentadas na sala comum e na SRM (Sala de Recursos Multifuncionais) daí a importância de um diálogo constante e um trabalho colaborativo em parceria.

Rodrigues (2014), apresenta em sua investigação o processo de escolarização da rede comum de ensino de alunos públicos da Educação Especial, na etapa da Educação Infantil, o que tem urgido a criação de atendimentos diversificados para suprir as dificuldades apontadas. Um desses pontos foi a necessidade que o AEE fosse iniciado na faixa de zero a seis anos,



envolvendo a participação dos pais e professores, para que eles pudessem compreender melhor como se materializa na prática o trabalho do atendimento e pudesse estabelecer um diálogo colaborativo, já que não havia.

Encontramos no artigo “Caminhos da aprendizagem de si: compartilhando o trabalho nas turmas de AEE”, a importância da construção da identidade do aluno público-alvo a conscientização do próprio corpo como objeto de aprendizagem. Nogueira, Lins e Gonçalves (2019), apresentam o “Projeto Identidade e Corporeidade”, que teve início na SRMs e se estendeu a toda a comunidade educativa. O projeto traz a discussão de promover no ambiente escolar o trabalho com o corpo, uma vez que ao se expressar a criança exprime seus sentimentos e emoções, promovendo a autonomia e o pensamento crítico, contribui para os processos de aprendizagens de todos.

APRESENTANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS

Frente ao levantamento bibliográfico feito, o encontro dessas muitas vozes, o confronto do que fora dito, constatamos que o trabalho com corpo no AEE, praticamente não se efetiva em nossa busca. Boa parte dos estudos estão focados no currículo e sua articulação com o AEE, na consolidação desse espaço na instituição, já que apesar de mais de uma década da implementação da Resolução CNE/CEB Nº 4, de 02 de outubro de 2009, que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica e na modalidade da Educação Especial (2009), constatamos que esse lugar e este fazer ainda não está claro no chão das instituições de educação.

Nos olhos sobressaem ao artigo de Nogueira, Lins e Gonçalves (2019), trazendo à tona que o AEE não deve se limitar apenas à SRM, e ainda sinaliza que a discussão sobre corpo e aprendizagem possam se materializar no chão da escola por inteiro. Assim, é um artigo que mais se aproxima de nosso objeto investigativo, e consideramos de total relevância e expressiva a sistematização de estudos sobre corpo na formação de professores no contexto da Educação Infantil e Educação inclusiva articulada com os professores do Atendimento Educacional Especializado, por meio de um trabalho colaborativo, visando a busca de estratégias e práticas que considerem esse corpo no processo das aprendizagens, já que ele não pode ser desarticulado do sujeito pensante.

Neste diálogo, esta empiria, apresenta o desdobramento de uma pesquisa de doutorado que busca responder à questão de estudo: Quais as dimensões de uma proposta de formação colaborativa sobre o corpo nos processos de aprendizagem das crianças com/sem deficiência e

suas implicações para as práticas de professores do AEE e os professores da sala comum da Educação Infantil?

Trazendo essa discussão para a educação, norteada pelos princípios da Educação Inclusiva, buscamos em nossa empiria movimentar um trabalho colaborativo nas ações de formação continuada de um grupo de professores de uma unidade de ensino da rede municipal do Natal, na tentativa de estabelecer essa interface entre formação de professores do AEE, sala comum e o coordenador pedagógico, considerando o corpo como lugar de aprendizagem das crianças.

Deste modo, optamos pelo percurso investigativo a abordagem qualitativa, valorizando as relações entre os sujeitos envolvidos e o seu entorno, e ainda suas implicações no processo ensino-aprendizagem (OLIVEIRA, 2016), por meio da epistemologia metodológica, a pesquisa colaborativa.

Valorizando o arcabouço de uma formação continuada e partindo das dimensões dialógicas do trabalho articulado, frente a essa pesquisa de caráter colaborativa, intencionamos como nossos partícipes, os professores da sala comum e da Educação Especial, o coordenador pedagógico do CMEI, desenvolvidas por meio de oficinas pedagógicas que explorem práticas corporais, que busquem dialogar com o corpo e seus processos de aprendizagens no AEE.

TECENDO OLHARES E ESCUTAS INCONCLUSAS

Reiteramos que com o desenvolvimento deste estado da arte, constatamos os diversos estudos na área da ‘Educação Inclusiva’, ‘Educação Especial’, ‘Formação docente’, ‘Atendimento Educacional Especializado’, ‘Corpo’ e ‘Práticas pedagógicas’, no entanto, quando buscamos as combinações entre esses descritores, concluímos que quando tratamos de ‘corpo’ sob esses contextos, a destacar no ‘AEE’ e ‘práticas corporais’ na infância, ainda é muito incipiente.

Tal constatação nos remete à necessidade de se discutir e promover reflexões sobre a educação inclusiva na escola, experiências e aportes teóricos que possam estar sendo considerados na formação continuada dos professores e estes estarem trazendo elementos importantes às suas práticas docentes, considerando esse corpo. Assim, acreditamos que investir na formação de professores por meio de práticas corporais pedagógicas, possam ser pensadas e planejadas para também serem desenvolvidas no AEE.

Nessa empiria, buscamos estabelecer uma relação dialógica e dialética, promovendo o diálogo do teórico com o vivido, estabelecendo uma cadeia discursiva, permeada de sentidos e



significados à prática docente, articulando saberes entre nossas matizes instituídas: infância, inclusão, corpo e AEE, compreendendo esse corpo com centro desse processo de aprendizagem.

Se faz preciso romper a ideia de que por conta do padrão hegemônico que a sociedade instituiu frente à normalidade, a deficiência vem antes da criança, pois esta ainda é vista sob uma ótica biológica. É necessário trazer elementos importantíssimos para nossas oficinas de práticas corporais, de modo que cada sujeito explore seu corpo, sua percepção, sua consciência corporal, conheça a imagem de si e do outro, por meio de experiências da escuta e da sensibilidade, para que assim, possa, compreender de sua criança.

Traçar narrativas sobre corpo como nossa condição essencial no mundo, é compreender que cada sujeito se (re) cria o tempo todo a partir de seus atos, de suas manifestações, por meio da ludicidade, do encantamento, do sensível e do afeto, como uma forma de poder garantir às nossas crianças com deficiência ou não, vivam suas infâncias de modo livre e espontâneo, e que este corpo faz parte de todos os seus processos de aprendizagens.

Assim, reiteramos que este trabalho formativo seja viabilizado em suas intenções educativas, já que todos nós - coordenador pedagógico, professor do AEE, professor da sala comum, diretores, estagiários - somos coadjuvantes nos processos formativos do espaço escolar, permeando um trabalho articulado e colaborativo em todo o processo, para que possamos proporcionar a escola inclusiva que tantos sonhamos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb013_09_homolog.pdf. Acesso em: 15 jun 2022.

COTONHOTO, L. A. **Currículo e Atendimento Educacional Especializado na Educação Infantil : possibilidades e desafios à inclusão escolar**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, p.275, 2014.

CRUZ, G. de C.; et al. Formação continuada de professores inseridos em contextos educacionais inclusivos. **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, Editora UFPR , n. 42, p. 229-243, out./dez. 2011.



EHRENBERG, Mônica C.; AYOUB, Eliana. Práticas corporais na formação continuada de professoras: sentidos da experiência. **Educação E Pesquisa**, n. 46, p.01-20, 2020.

FERREIRA, Norma Sandra de A. As pesquisas denominadas Estado da Arte. **Revista Educação e Sociedade**. Ano XXIII, n.79, agosto/2002.

FREITAS, Ana Beatriz Machado de. **Corpo e percepções no espectro autista**. Tese de doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiana, p. 152, 2015.

KELLERMANN, Marques Mariana. **Corpo lúdico no ensino-aprendizagem da dança**. Tese de Doutorado em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, p.216, 2012.

MESSINA, Graciela. Investigación en o investigación acerca de la formación docente: un estado del arte en los noventa. **Revista Iberoamericana de Educación**. n.19, p.145-207, abril de 1999.

NOGUEIRA, A. et al. Caminhos na construção da aprendizagem de si: compartilhando o trabalho nas turmas de AEE. **A formação docente nas dimensões ética, estética e política**. FERREIRA, G. R. (Org). Ponta Grossa, Atena Editora, cap.17, p. 213-212, 2019.

OLIVEIRA, Ermeline de. **O corpo da criança com paralisia o cerebral: percepção dos professores e estratégias pedagógicas**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, p. 110, 2018.

RODRIGUES, K.G.R. **Atendimento Educacional Especializado na Educação Infantil: interface com os pais e professores da classe comum**. Dissertação de Mestrado em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, p.175, 2014.